



Mônica: O Feminino no Grafite através do Cinema Documentário ¹

Amana DULTRA²
Daniele RODRIGUES³
Débora BORJA⁴
Eduardo COUTINHO⁵
Luana AZEVÊDO⁶
Rafael BARRETO⁷
Tayse ARGÔLO⁸
Vanice da MATA⁹
André SETARO¹⁰

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

Este trabalho procurou, a partir da linguagem cinematográfica, trazer para o ambiente acadêmico a discussão sobre arte de rua e grafite e, principalmente, sobre o papel ocupado hoje na cidade de Salvador (BA) pelas mulheres que grafitam, através da artista Mônica, personagem central do curta-metragem, de seu processo criativo e de seu trabalho. Além disto, buscamos construir um discurso a respeito da expressão artística da sexualidade e do ser feminino.

PALAVRAS-CHAVE: arte de rua; documentário; grafite; mulher.

1 INTRODUÇÃO

Mônica é fruto do trabalho desenvolvido no módulo cinema-vídeo da disciplina Oficina de Comunicação Audiovisual, em que os estudantes do 2º semestre de Jornalismo e de Produção

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em Vídeo (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo, email: amanadultra@gmail.com.

³ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo, email: rodrigues.daniele@hotmail.com.

⁴ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo, email: deboraborja@gmail.com.

⁵ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo, email: educoutinho9@gmail.com.

⁶ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo, email: luana_oliveira90@hotmail.com.

⁷ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo, email: rafinhaa7@hotmail.com.

⁸ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo, email: tayseargollo@hotmail.com.

⁹ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo, email: vanicedamata@gmail.com.

¹⁰ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação, email: andresetaro@hotmail.com.



Cultural têm contato com filmes das principais escolas do cinema ficcional e com equipamentos e técnicas da produção audiovisual. A concepção de documentário trabalhada neste curta distancia-se do documentário jornalístico, e apropria-se da linguagem cinematográfica para construir um discurso sobre arte de rua e gênero feminino.

Enquanto o documentário jornalístico, também conhecido como “grande reportagem telejornalística”, busca através da exposição de diferentes pontos de vista tratar de assuntos com objetividade, o propósito deste trabalho é outro, aproximando-se mais do documentário cinematográfico. Segundo Jean-Jacques Jaspers, este tipo de documentário “fala na primeira pessoa, confessa a sua subjetividade” (JESPERS, 1998, p.175).

Quanto à temática, grafiteagem feita por mulheres em Salvador, escolheu-se focar em uma grafiteira, homônima ao curta, e acompanhar seu processo criativo, desde a sua arrumação, à preparação em casa dos materiais, à escolha do muro e o próprio ato artístico.

2 OBJETIVOS

Os objetivos gerais deste curta-metragem são:

- 1) Fazer o vídeo utilizando-se da linguagem cinematográfica, buscando outras formas de narrativas e alternativas imagéticas para a construção de um produto audiovisual documental, que não um conjunto de entrevistas, cenas de paisagem e imagens de arquivo;
- 2) Trazer para o ambiente acadêmico, um pouco da arte feita na e para a rua e das expressões artísticas oriundas da periferia de Salvador.
- 3) Documentar o grafite feminino em Salvador, através de uma de suas representantes mais reconhecidas, Mônica.
- 4) Suscitar discussões a respeito do ser mulher e da expressão da feminilidade em ambientes machistas.

São objetivos específicos deste curta-metragem:

- 1) Utilizar do cinema documentário para falar do ser feminino na cena hip-hop, através de um recorte do cotidiano de Mônica, grafiteira nascida no bairro da Formiga em Salvador, que descobriu nos muros um espaço para expressar-se;
- 2) Trazer uma personagem que transita por ambientes machistas sem refugiar-se em estereótipos masculinizados;
- 3) Trazer a percepção de vaidade, culturalmente associado à futilidade, de uma forma positiva, mostrando que o cuidado com o corpo não é supérfluo, mas revelador de como as pessoas se percebem.

3 JUSTIFICATIVA

O grafite é uma arte que se insere na cultura urbana em Paris, no final da década de 60, e depois se espalha pelo mundo, levando consigo uma forte carga transgressora. Os muros passam a ser o suporte para a rebeldia e espaço para expressar-se daqueles que são oprimidos. Enquanto o movimento contracultural do Maio de 68 varre as cidades de Paris e do mundo, o grafite marca a paisagem urbana com desenhos e frases poético-políticas.

No entanto, o grafite ainda é hoje uma arte marginalizada, inclusive por estar em uma linha tênue entre a legalidade e a ilegalidade. É a “dupla transgressão”, como afirma Margarida Morena (2009), das grafiteiras que inspiraram o grupo a abordar desta temática. Essa atitude a que se refere Morena trata-se da soma do ato de intervir em espaços públicos e de transitar por espaços naturalizados masculinos.

A disputa travada pelas mulheres, citada pela autora, por este lugar de expressão que é o espaço público, é crescente em Salvador. No entanto, pouco se fala nisto, mesmo dentro da cena hip-hop, e a crescente participação das grafiteiras acaba sendo, muitas vezes, ofuscada. Deste modo, este documentário visa ser uma janela para a atuação das mulheres que grafitam em Salvador mostrarem seu trabalho, representadas pela primeira grafiteira da cidade, Mônica.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Apropriando-se da taxonomia do documentário, proposta por Bill Nichols, no livro *A representação da realidade* (1991, apud, Da-rin, 2004, p. 134), que cunhou os modos de representação como Documentário Expositivo, Documentário de Observação, Documentário Interativo e Documentário Reflexivo, *Mônica* foi pensado como um diálogo entre o Documentário de Observação, caracterizado pela busca de um distanciamento entre o autor e os atores sociais para representar o mais fielmente possível o cotidiano filmado, e o Documentário Reflexivo, em que o interesse está centrado no processo de construção do filme, na criação de uma coerência estética entre as técnicas utilizadas e de uma marca da equipe de filmagem no produto final. Através das leituras que nos possibilitaram chegar a esta escolha, percebemos que existem várias possibilidades de linguagem para documentário e que o que demarca o gênero é a existência real daquilo que se filma.

Durante estas leituras, encontramos também uma concepção de reportagem que dialogava com o trabalho, proposta por Jean-Jacques Jaspers, cunhada de “documentário de criação”, em que a reportagem é um programa elaborado a partir de uma visão única, original e pessoal sobre a realidade (JESPERS, p. 175.). Conhecer este conceito nos possibilitou enxergar no curta-metragem uma relação com a prática jornalística, apesar deste não ser nosso objetivo principal.

A partir dessas primeiras considerações a respeito do cinema documentário, a produção do curta-metragem se deu em quatro etapas:

- 1) Leitura de bibliografia voltada para o cinema documentário e linguagem cinematográfica, seguidas de leituras voltadas para o tema do curta;
- 2) Divisão da equipe em funções (roteiristas, direção, produção, direção de arte, direção de áudio, direção de fotografia, câmera e edição) e estudos técnicos de cada função, em específico;
- 3) Ida ao local de filmagem para conhecer melhor os atores sociais do curta-metragem e apresentar a ideia do roteiro a eles.
- 4) Produção, filmagem e edição do curta-metragem e posterior exibição do curta no bairro onde foi filmado.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo que levou o grupo do objetivo de fazer um curta-metragem com características mais voltadas para a poética do que para técnicas jornalísticas, à produção de *Mônica*, foi impulsionado, principalmente pelas palavras de Penafria, quando disse que, ao contrário do que faz a reportagem, a imagem no documentário “não é utilizada com fins meramente ilustrativos ou para confirmação do que é dito” (PENAFRIA, 1999. p.23), destacando a exploração conotativa que o documentário faz dela. Foi buscando radicalizar a máxima da autora de que a imagem é o elemento essencial do documentário, sobrepondo-se ao que possa ser dito, que a equipe decidiu fazer um filme sem falas, sensibilizando o espectador apenas com imagens e sons de outra origem.

Isto nos trouxe um problema: o que fazer no aspecto sonoro do filme? Esta questão suscitou outras, relativas à concepção do curta, pois a equipe não queria debruçar-se sobre o tema sem explicitar sua presença no processo de produção do filme. Assim, como alternativa à captação do som direto, ficou decidido intercalar o som ambiente com trilha sonora. Durante toda a



produção do filme buscou-se trazer momentos com uma maior explicitação da presença da equipe e outros em que a interferência fosse menos clara.

Paralelo a isto, o argumento do curta amadurecia, a partir do denominador comum de filmar um documentário. Temáticas como a moral, a sexualidade, prazer e quebras de tabu foram apontadas como opções para abordarmos no curta. A escolha do tema, porém, aconteceu após a diretora relatar à equipe sua experiência com mulheres da cena hip-hop soteropolitana e falar sobre a existência de uma artista que tem como marca autoral, grafitar a mulher, com uma estética predominantemente feminina. O que mais chamou a atenção do grupo, porém, não foi a obra de Mônica, mas o relato da diretora sobre a feminilidade característica da artista. E foi isto que, inicialmente, buscamos mostrar no curta.

Porém, ainda seguindo com a ideia de mesclar modelos, a equipe confeccionou um roteiro em que parte das cenas acontece com maior interferência da equipe e outras, com menos. Um exemplo deste segundo momento foi a da grafiteagem, quando no roteiro escrevemos que naquele momento a arte de Mônica teria tema livre, sendo o muro um espaço para ela falar sobre seus sonhos, sua vida e suas angústias. Apenas a artista sabia o que iria pintar. Para surpresa de todos, sua arte quebrava tabus relacionados ao prazer feminino, temática inicialmente sugeridas pelo grupo e que tornou possível a construção de um discurso sobre a moral, sobre sexualidade e sobre a concepção de mulher de Mônica, convergindo para uma desmistificação da relação entre mulher e prazer afetivo-sexual e também para a liberdade de expressar seus desejos, sem pudores.

O trabalho feito por Mônica dialoga, por exemplo, com o trabalho da carioca Anarkia Boladona, especialmente na sua série Mulheres, pois ambas exploram o corpo feminino através de uma estética caracterizada por cores próximas do vermelho e do rosa, traços delicados e esmero com detalhes, aspectos atribuídos culturalmente ao universo feminino.

Após a filmagem, feita em dois dias no bairro São Caetano, onde mora a artista, foi feita a edição e a exibição do curta para a comunidade acadêmica da Faculdade de Comunicação da UFBA. Porém, para finalizar o processo, o grupo escolheu exibir o filme no bairro onde foi filmado, para compartilhar o resultado com os moradores envolvidos no processo, como a família de Mônica e seus vizinhos mais próximos, buscando suscitar, também neste espaço, uma valorização da arte de rua feita pelas mulheres.

6 CONSIDERAÇÕES

A experiência de filmar este curta foi, para equipe, também uma possibilidade de refletir sobre como uma linguagem artística pode retratar outra e como a relação entre as artes



elitizadas e as marginalizadas é conflituosa, como no caso do cinema e do grafite, respectivamente.

Levar a câmera para a rua e um pouco da rua para uma sala de exibição de vídeos, nos fez pensar sobre as relações estabelecidas entre a universidade e a sociedade, sendo, na avaliação final do processo e do produto, este intercâmbio de conhecimentos o mais importante para a vivência acadêmica da equipe.

A rua, como espaço democrático de expressão, torna a grafiteagem cotidiano de grandes cidades, representando um grito, um sonho, um desejo. As meninas de Mônica que rasgam Salvador com seu belo corpo, sua sensualidade e porte provocante, escancaram a luta das mulheres por liberdade sexual, luta esta que ganhou força no mesmo período histórico que o grafite, nas barricadas parisienses.

Mônica fala sobre a rua viva, sobre a periferia e sobre a mulher que reconhece a cidade como um espaço que também é seu e que a ocupa, para reiterar a força de sua identidade, sobretudo estética, como mulher.

7 Referências

- DA-RIN, Silvio. Espelho partido: tradição e transformação do documentário cinematográfico. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.
- JESPERS, Jean-Jacques - Jornalismo Televisivo. 1ª ed., Coimbra, Minerva, 1998.
- MOLETTA, Alex. Criação de curta-metragem em vídeo digital: Uma proposta para produções de baixo custo. São Paulo: Summus, 2000
- MORENO, Margarida. Miradas Femininas – Mulheres no Muro: Traços Femininos nos Grafites de Salvador, 2009. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19477.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2011.
- PENAFRIA, Manuela. O filme documentário. História, identidade, tecnologia. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.
- PUCCINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de documentário. Disponível em <http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_sergio_puccini.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2011
- SETARO, André. Escritos sobre cinema – Trilogia de um tempo crítico. Vol. 3: Linguagem e outros temas / Introdução ao Cinema. Rio de Janeiro: Azougue, 2010.

Sites acessados

ANARKIABOLADONA. Site das obras da artista Anarkia Boladona. Disponível em <<http://www.anarkiaboladona.com>>. Acesso em: 10 mai. 2011

Filmografia

- Cabra marcado para morrer*, Eduardo Coutinho, 1984
- Eu, um negro* (Moi, un noir), Jean Rouch, 1957, cor
- Intolerância*, D. W. Griffith, 1916



O homem com a câmera, Dziga Vertov, 1929, pb,

Os mestres loucos (Les maîtres fous), Jean Rouch, 1954, cor

Nanook, o esquimó, Robert Flaherty, 1922, pb, 55'

Nascimento de uma nação, D. W. Griffith, 1915